

Editorial

This issue has its own flavor. Here we are focusing a number of apparently unrelated however fantastic aspects. They range from universal ones — such as globalization and the role of the state — to local ones — such as popular participation fora in municipalities. The winds of globalization are still blowing (and will remain blowing) on all directly or indirectly related aspects. On the one hand, there is the current social turmoil (the ups and downs of the stock markets, the gale provoked by the Asian economies threatening to spread worldwide, the mounting and disturbing unemployment, the problems and the violence in urban areas, the unmasked poverty, etc.). The perspectives for the future, far from being perfect, are uncertain and grim. There are shadows over the financial seas. However, on the other hand, the world is changing, a new era is being shaped in human history. Nowadays one can make a reappraisal of many ideas of the past. There are several aspects which were then viewed in a different way. Despite history having experienced (and still is experiencing) a global transmutation the multiple dimensions of social life are not all moving in the same direction. Important aspects are being preserved — maybe decisive ones. We ought to analyse the diversity both of the things which are being set up and of what is actually taking place.

Therefore we need to know what is turning up in specific regions, in urban areas, and at the micro level. Hence alongside globalization and social peace, the links between the state and the market, and the financial instability, we are emphasizing regional and municipal topics. We are analyzing the impact of globalization on urban and metropolitan policies, on urban and regional strategies, on local power and citizenship, on housing, on popular participation fora on the local level, on poverty, and on others. In doing so we are preserving the mark of our journal: concerned with universal as well with local aspects, which are the two big sea shores of the contemporaneous globalization process. They are viewed from the standpoint of Porto Alegre, of Buenos Aires, of Vienna, of Spanish cities, etc. We consider the distinct approaches and views of economists, sociologists, and anthropologists for a better understanding of the different shapes of the emerging globalization process. The different appraisals exert an invigorating effect on those who wish to keep a critical type of thinking.

The Editor

Editorial

Este número tem o seu sabor. Tratamos das coisas universais como de situações localizadas. Passamos das questões da globalização e do Estado àquelas de conselhos tutelares de um município. São passos descontínuos, mas fantásticos. Ou seja, o vento da globalização continua e continuará soprando sobre todos os aspectos, direta ou indiretamente, relacionados com ele. De um lado, o presente está revoltado (oscilação crescente nas Bolsas, vendaval nas economias asiáticas querendo se espalhar pelo Mundo, desemprego assomante e perturbador, diversidade de problemas urbanos, com a constante da violência, a indisfarçável presença da pobreza, etc.). E o futuro, longe de ser mais que perfeito, não aparece nem nítido, nem promissor. Sombras pairam nos mares do sol financeiro. E, no entanto, de outro lado, o Mundo mudou, e uma nova era gira na História, o que já permite reavaliar muita coisa do passado, muita coisa sobre as quais se pensava diferente. Embora a História, em nível global, tenha se transformado e prossiga metamorfoseando-se, os seus efeitos não vão todos na mesma direção. Há também permanências importantes — quem sabe, decisivas. Há que examinar as múltiplas figuras do que se constrói e do que ocorre.

Por isso, é preciso ver o que acontece nas regiões, nas cidades, no micro. E junto com características como a globalização e a paz social, a relação entre Estado e mercado, a instabilidade financeira, inserimos ênfase muito grande nos temas regionais e municipais, analisando pontos como estes: as políticas urbana e metropolitana face à globalização, as estratégias urbanas e regionais, o poder local e a cidadania, o tema da casa própria, os conselhos tutelares, a pobreza, etc. Com isso, mantivemos a nossa marca editorial: universalização e localismo, que são as duas grandes praias deste oceano contemporâneo da globalização, visualizadas em Porto Alegre, Buenos Aires, Viena, cidades espanholas, etc. E não nos furtamos a ouvir economistas, sociólogos, antropólogos, para que nos permitissem outros desenhos da face emergente da mundialização. O que não deixa de ser estimulante para o pensamento que ainda se quer reflexionante e crítico.

O Editor